



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA PAULA OLIVEIRA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Ana Paula Oliveira

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora (por skype)

Data da entrevista: 202/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 7 páginas

Número da entrevista: E-746

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; ConFederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Copa Libertadores da América; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 20 de abril de 2014. Entrevista com Ana Paula Oliveira a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

A.O. – Era uma novidade, não é? No início da minha trajetória já existiam outras árbitras. Depois a gente vê que a história da mulher na arbitragem começou, se eu não estou equivocada em 1970, inclusive com uma mineira¹. E de lá pra cá, foi quando eu surgi, em 1997, fui ganhando espaço aos poucos. Eu não tinha notoriedade, um reconhecimento, não é? E quando entra no ano de 1999, 2000 e em especial 2001, quando a gente começa a trabalhar na primeira divisão do Campeonato Paulista, eu, ao lado da Sílvia². Nós começamos a ter uma visibilidade, que antes outras companheiras... que tinham já uma trajetória, inclusive a Edilene Siqueira³, pernambucana, que ano de 1993, chegou a atuar na primeira divisão também do Campeonato Brasileiro, mas na aquela ocasião passou por uma agressão, então o espaço da mulher, devido a isso, era quase que impossível voltar a atuação. E só voltou a ter a participação depois conosco⁴, de 2001 para frente, não é? Que a gente começou no Paulista, atuando no Campeonato Paulista e depois no Campeonato Nacional⁵ que foi uma reconquista da participação da mulher. Mas era visto como novidade, não se tinha mulheres atuando em primeira divisão de Campeonato Brasileiro. Então era o novo, não é? Uma surpresa. E eu confesso que eu vivenciei isso desde o começo da minha trajetória. Começando aqui em Campinas, no campo de várzea, nos meus 15, 16 anos, não tinha meninas. E quando eu para a Federação⁶ me dei conta também, que eu imaginei que fosse encontrar um número maior, mas na ocasião não se tinha, eram poucos nomes de mulheres que atuavam. Eu me recordo que era a Sílvia, a Cleidy⁷ e tem mais uma que eu esqueci o nome agora, eram três mulheres somente, em São Paulo que

¹ Referência a Lea Campos, primeira árbitra de futebol do mundo, que se formou em 1967 na Federação Mineira de Futebol.

² Sílvia Regina de Oliveira.

³ Maria Edilene de Siqueira Barreto.

⁴ Ana Paula Oliveira, Sílvia Regina e Aline Lambert, da Federação Paulista de Futebol. Compuseram o primeiro trio feminino a comandar uma partida masculina no Campeonato Brasileiro Série A de 2003.

⁵ Campeonato Brasileiro série A.

⁶ Federação Paulista de Futebol.

⁷ Cleidy Mary dos Santos Nunes Ribeiro.

atuavam nas categorias “amadoras”. Não tinham naquela ocasião conquistado espaço no profissional, era novidade e era um tabu a participação da mulher nos grandes jogos. E que a gente⁸ chegou para quebrar estes preconceitos, não é? Esses tabus também.

I.M. – Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

A.O. – Sim. Eu enfrentei todo tipo de dificuldade, as dificuldades iguais às dos homens, não é? Que é normal em relação à estrutura, quando você sai do futebol amador e vai para o profissional você precisa de adaptação. E por ser mulher o preconceito inicial, porque no começo você vivia o preconceito dentro do próprio grupo de trabalho, de colegas, porque não tinha mulher, não é? Então quando você vê uma mulher que vem chegando, atuando nas categorias principais, criou-se na ocasião um receio por parte do grupo e eu lembro que eu tinha como meta assim: “Adquirir o respeito da minha equipe de trabalho, depois dos dirigentes, automaticamente dos jogadores e treinadores” e graças a Deus isso foi conquistado com o decorrer dos anos.

I.M. – Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

A.O. – Nossa, várias (risos). Eu tendo desde o Agnaldo⁹, que foi meu observado no jogo da série A2, desde a presidência da Federação Paulista, que aí teve o senhor Eduardo Farah¹⁰, o senhor Marco Polo Del Nero, Reinaldo Carneiro Bastos, que foram pessoas inovadoras, que investiram na mulher em São Paulo. Tenho a referência da Sílvia, da Edilene Siqueira, minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos, que foram importantes. Todos os colegas de trabalho com que eu tive a oportunidade de vivenciar momentos ímpares e aprender com eles a cada jogo. Eu me inspirava muito no Feitosa¹¹, que era o assistente naquela ocasião, do Philip Sharp, que era um assistente inglês que eu tive o prazer de conhecer nos Jogos Olímpicos¹². Aí como os árbitros, foram vários, não é? A gente pode falar do Wilson Seneme¹³, que hoje eu tenho o prazer de trabalhar ao lado em uma outra

⁸ Aline Lambert, Ana Paula Oliveira e Sílvia Regina.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Eduardo José Farah.

¹¹ Leandro Matos Feitosa.

¹² Jogos Olímpicos de Atenas em 2004

¹³ Wilson Luís Seneme.

função. Sálvio¹⁴, Paulo César Oliveira, eu acho que toda a arbitragem paulista daquele momento que eu vivi que foi do ano de 1998 a 2009, 2010, eu tenho que agradecer a todos com os quais tive o prazer de trabalhar e aprender um pouco. E a todos os meus observadores¹⁵, que foram importantes, cada vez que um relatava algo, uma correção que a gente tinha a sensatez de ouvir, era importante para o crescimento na carreira.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para isso?

A.O. - Os principais fatos (risos)? Eu acho que... eu digo que o meu grande jogo foi o Ponte Preta e Guarani¹⁶, juniores, em que eu tive a felicidade de ir bem neste jogo de júnior e depois eu fiz um jogo da Copa São Paulo¹⁷, que foi Taubaté e Corinthians, um jogo importante também. E aquele jogo¹⁸ foi um jogo importante, que foi o jogo que me lançou na série A do Campeonato Paulista, quando a gente diz série A, é série A1, A2 e A3¹⁹. E a partir dali a cada jogo é uma história, você tem que fazer o seu melhor sempre e o que deslanchou a minha carreira sem dúvida foi a final de 2003, São Paulo e Corinthians, em que eu acertei um lance difícil, em que o jogador estava atrás da linha da bola e naquele momento, o jogo foi transmitido em rede nacional, com o Arnaldo César Coelho comentando e acredito que esse jogo me lançou definitivamente no cenário nacional. Mas eu entendo que é um conjunto de fatores, não é? A trajetória de um árbitro não é feita só de um único jogo, mas de toda a sua trajetória que começa lá no infantil, no juvenil, no júnior até chegar nos grandes jogos.

I.M. - Você teve algum árbitro ou árbitra como referência para sua atuação?

A.O. - Tive, como eu citei alguns... árbitras: Edilene Siqueira e Sílvia Regina, Edilene Siqueira pernambucana, Sílvia de São Paulo. Árbitro o Pierluigi Collina²⁰, italiano. Assim, sou apaixonada até hoje pela atuação do Collina, quando assisto alguns jogos em que ele apitava, apitou na verdade, não é? Igual eu tive o prazer de rever o jogo agora da Copa do

¹⁴ Sálvio Spínola Fagundes Filho.

¹⁵ Observadores são normalmente ex-árbitros que avaliam a atuação de árbitros/as.

¹⁶ Dois clubes paulistas da cidade de Campinas.

¹⁷ Copa São Paulo de Futebol Júnior.

¹⁸ Taubaté e Corinthians.

¹⁹ Série A1, A2 e A3 equivalem à 1ª, 2ª e 3ª divisões do Campeonato Brasileiro.

²⁰ Árbitro italiano.

Mundo, em que ele apitou Brasil e Alemanha²¹. É extraordinária a leveza com que ele conduz um jogo. Então o Perluigi Colina é um dos árbitros em que eu me espelhei muito na época em que eu atuava e que eu queria ser. E eu admirava muito os meus colegas, não é? Igual eu admirava muito o Seneme, muito o Paulo César, muito o Ednílson Corona²², o assistente FIFA de São Paulo, o Feitosa, o Milton Otaviano²³, que era um árbitro assistente da minha época, do Rio Grande do Norte, que eram grandes assistentes, não é? E eu tive o prazer de conviver com estas pessoas. Mas o principal nome Pierluigi Collina e como árbitras Edilene Siqueira e Sílvia Regina.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

A.O. - Não foi fácil, mas assim, não fácil, mas eu brinco que como eu fui escoteira, eu fui Desbravadora da Igreja Adventista²⁴ por seis anos, então eu acho que conciliar não foi tão difícil assim na questão de disciplina, de encarar...mesmo com naquela ocasião a arbitragem era considerada amadora, hoje a gente já tem a regulamentação da profissão, reconhecida, não é? Eu encarava como profissional por mais amador que nós fossemos. E eu trazia isso para a minha vida, para o meu dia a dia. Então, assim, conversava com a família, até porque datas importantes como aniversário, dia das mães, me perdoassem pela minha ausência e a parte mais difícil é com relacionamento, viu Igor? Namorado, você conciliar (risos). Porque você viaja muito, você fica muito ausente quando você está no auge da sua carreira você fica muito tempo fora. Não só participando de cursos, mas de jogos, e eu posso dizer que eu tive a sorte de ter namorados compreensivos e tive também a felicidade de ter alguns que não foram, e aí faz parte do processo de todo profissional, normal, não tive nada de diferente no meu processo não, o importante é ter equilíbrio, a cabeça no lugar e saber o que quer, foco.

I.M. - Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

A.O. - Olha, são vários. Eu acho que eu tenho grandes jogos, a final do Campeonato Paulista de 2003, Jogos Olímpicos em 2004, final do Campeonato Paulista de 2004, final

²¹ Final da Copa do Mundo de 2002, disputada entre Brasil e Alemanha, no Japão.

²² Ex-árbitro assistente da Federação Paulista de Futebol.

²³ Milton Otaviano dos Santos.

²⁴ Desbravadores, uma espécie de grupo de escoteiros da Igreja Adventista.

do Campeonato Paulista de 2007, Libertadores da América, que eu ainda sou a única mulher a ter bandeirado a Libertadores da América, no ano de 2005, que foi São Paulo e Palmeiras e Palmeiras e São Paulo nas oitavas de final da competição. Sem dúvida os meus erros também me marcaram, eu tive uma falha em um jogo, São Paulo e Santos²⁵, que eu reconheci publicamente. O jogo Botafogo e Figueirense²⁶ é um jogo que eu vou carregar para o resto da vida, que foi um jogo importantíssimo e com um grau de dificuldade altíssimo e que tive dois lances extremamente difíceis e discutíveis. E sem dúvida, Flamengo e Vasco, final da Copa do Brasil em 2006 no Maracanã, bandeirando para o Leonardo Gaciba²⁷, que é um grande árbitro, foi inesquecível. Ah, eu posso dizer que eu fui feliz como árbitra assistente no meu país. Tive grandes momentos, tanto os bons como os ruins, como qualquer profissional de qualquer profissão vive, não é? Seus altos e baixos.

I.M. - Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

A.O - Olha, graças a Deus eu acho que evoluiu, não é? Comparado ao período em que eu trabalhei eu acho que hoje evoluiu muito. A mulher hoje ela é considerada mais um membro da equipe de arbitragem, não é mais nada novo, deixou de ser novidade. Qual é o agravante? Que assim o acerto você não fez mais que a obrigação, o grande diferencial que eu acho que ainda precisa ser revisto, mas como eu digo evoluímos muito, mas é que ainda o equívoco da mulher ele tem um peso superior ao que o do profissional masculino. Eu entendo que isso tem que acabar. Eu acho que se hoje já entende que a mulher não é novidade e que equívoco da mulher não pode ser encarado como algo catastrófico, sabe? Tem que ser entendido também como um equívoco, assim como o equívoco masculino. E tem que ser compatível de acordo com o grau de dificuldade desse equívoco. Porque como a gente fala existem falhas aceitáveis, que são em lances ajustáveis, que são aqueles lances justos, difíceis e existem lances inaceitáveis, independentemente do gênero.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

²⁵ Santos e São Paulo pelo Campeonato Paulista de 2007.

²⁶ Botafogo e Figueirense, válido pela Copa do Brasil em 2007.

A.O - Eu acho que eu já respondi, não é (risos)? Essa sua pergunta. É isso. Eu entendo que o equívoco da mulher ainda tem uma intensidade maior e que não deve ser assim. Eu acho que tem que ser encarado com a mesma normalidade como a presença dela em campo hoje. Ainda é uma minoria, então automaticamente, por ser uma minoria, quando aparece uma menina em campo vai chamar a atenção, a gente está falando do futebol, em que você tem 22 jogadores masculinos, uma comissão técnica de cada lado masculino, hoje composta por um banco, em que você pode inscrever se eu não estou equivocada até 12 atletas. Então quando entra uma menina em campo para bandeirar ou para apitar ela é única, não é? Ela ainda é a única ali. Quando está conduzindo bem a sua partida não o que se queixar, mas quando tem o equívoco a proporção é tomada ainda de uma forma superior. O que eu entendo que isso tem que ser revisto. Eu acho que é compreensivo também pela quantidade, por ser um número menor comparado ao masculino. Quem sabe no futuro, se tivermos um quadro feminino atuando no masculino maior, isso também vai se tornar uma coisa natural e normal? É tudo questão de tempo, temos que ter paciência.

I.M. - Quando você parou de arbitrar, por quê?

A.O. - Parei de apitar por vários fatores, não é? Eu tive uma lesão na tíbia direita e esquerda, uma fratura por estresse e que infelizmente naquela ocasião eu tive que fazer um teste físico da FIFA, na ocasião e não passei no teste. Acabei deixando o quadro internacional e acredito que isso foi um fator. Outro fator foi que eu tive que passar por um processo de recuperação, voltei a atuar no ano de 2008, cheguei a fazer os testes físicos para voltar a FIFA, mas infelizmente naquela ocasião eu não voltei. E meu pai adoeceu, ficou doente e aí com a enfermidade dele e depois ele veio a falecer. E aí ele falecendo eu enterrei a minha carreira junto com ele, que foi no ano de 2010. Ali eu entendi que eu não deveria mais voltar para o campo de jogo. Se eu tivesse que voltar para o futebol eu voltaria como instrutora ou como supervisora de algum departamento, mas não mais como árbitra. Eu já tinha dado a minha contribuição para a categoria. Então foi um conjunto de fatores que levaram à minha desistência, mas o maior deles foi a perda do meu pai. Porque foi por ele, não é? Assim, inconsciente, acompanhando o meu pai que eu conheci a arbitragem e por meio dele adquirir essa paixão e, quando ele faleceu eu confesso que eu senti muito assim. E resolvi parar por este motivo.

²⁷ Leonardo Gaciba.

I.M. - Como foi a decisão de parar de arbitrar, foi difícil?

A.O. - Foi. Mas foi um processo, não é? Foi um processo que começou no ano de 2007, como eu disse, com a minha saída da FIFA, eu já fui trabalhando isso na minha cabeça, atuei ainda no ano de 2008. Aí 2009, 2010 foi o processo de você já ir aceitando a ideia. Não é fácil, se você for pensar para uma jovem que começou no amador com 15 anos, desistir, não é? Porque assim, ali naquele momento eu estava desistindo da minha carreira, falando assim: “Eu não quero mais atuar”. Eu tinha um sonho de Copa do Mundo, bandeirando, então eu sabia o que isso significava, mas eu entendia também que eu podia fazer algo melhor e maior do outro lado, com a minha formação acadêmica, como instrutora²⁸, que é o que eu faço hoje. Eu poderia contribuir de uma outra forma, de pensar, de ajudar a pensar a arbitragem, pensar o futebol, como colaboradora. E eu estou feliz com essa nova fase, eu acho que a escolha e a decisão não foi equivocada não, foi sábia.

I.M. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

A.O. - Ah, o único comentário que eu tenho que deixar é assim: A toda mulher que almeja ser árbitra, venha, não é? Estamos precisando. Venha para a arbitragem, mas saiba que é um caminho árduo, sofrido, mas que vale a pena se você realmente gosta da profissão, se você realmente gosta da arbitragem. Eu sou apaixonada, trabalho com isso e digo que tudo que a gente faz com amor a recompensa vem, cedo ou tarde.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁸ Instrutora de arbitragem, cargo de Ana Paula Oliveira, na Escola Nacional de Arbitragem da CBF.